IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

MEU CORPO SEMPRE/NUNCA EXISTIU: Narrativas autobiográficas sobre a invisibilização das identidades dissidentes nos espaços formativos

Eixo Temático 28 - Narrativas, Gêneros, Sexualidades e Educação: Encontros Insurgentes / Axis 28 - Narratives, Genders, Sexualities, And Education: Insurgent Encounters (Online)

Thiago Santos de Jesus [1]
Larisse Oliveira Araújo [2]
Núbia Regina Moreira [3]

RESUMO

Este artigo discute a invisibilização de identidades dissidentes no ambiente escolar, com base em narrativas autobiográficas. A partir da compreensão da identidade como construção social, analisa-se como a escola reforça normas de gênero, sexualidade e raça, silenciando corpos dissidentes. Com suporte teórico de bell hooks e Guacira Lopes Louro, o estudo utiliza relatos de Thiago Li e Larisse Araújo para evidenciar experiências de exclusão e racismo estrutural. As narrativas revelam como a ausência de representatividade impacta a trajetória escolar, mas também apontam estratégias de resistência e reconfiguração do pertencimento. Os resultados destacam a urgência de práticas pedagógicas inclusivas que valorizem a diversidade.

Palavras-chave: Identidades; Insurgência; Escola; Corpo; Narrativas autobiográficas.

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema justifica-se pela urgência de se discutir a invisibilização das identidades que dissidem em raça, gênero e sexualidade no ambiente escolar e demais espaços formativos, compreendendo os impactos trazidos por esse processo de marginalização na formação subjetiva, acadêmica e social dos indivíduos

[1] Mestrando do Curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB autorprincipal@email.com;
[2] Mestranda do Curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB larisseoaraujo@gmail.com;
[3] Professora do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

desde sua infância. A escola, como espaço de construção identitária e de socialização, muitas vezes reforça normas excludentes que limitam a expressão de corpos dissidentes, seja por meio de currículos normativos, práticas pedagógicas excludentes ou violências simbólicas e institucionais.

Ao ampliar as vozes de sujeitos historicamente silenciados, a partir de suas próprias narrativas, este estudo contribui para a compreensão dos processos que regulam e moldam corpos em espaços escolares, evidenciando como a invisibilização impacta na autoestima, na participação e no rendimento acadêmico de estudantes pertencentes a grupos marginalizados, além de afastá-lo do sentimento de pertencimento, sentimento esse que é fundamental para a formação do ser.

Este artigo tem como principal objetivo investigar os processos de invisibilização das identidades dissidentes (raça, gênero, sexualidade, entre outras) no ambiente escolar e seus impactos no desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos estudantes, compreendendo os mecanismos que perpetuam a invisibilização de identidades dissidentes dentro do ambiente escolar, considerando aspectos estruturais, pedagógicos e sociais, analisando como a falta de representatividade e reconhecimento afeta a autoestima desses sujeitos.

METODOLOGIA

O artigo se desenha nas narrativas autobiográficas dos autores deste artigo, uma bixa preta e uma mulher preta, que compartilham suas vivências escolares e acadêmicas. A utilização das narrativas, conforme Souza et al. (2017), é um instrumento metodológico potente na investigação das experiências sociais, permitindo o resgate da memória e a construção de reflexões críticas sobre processos identitários. As narrativas são uma forma de resistência e denúncia contra o machismo, o racismo e a LGBTQIAPN+fobia, promovendo uma discussão interseccional sobre as violências simbólicas e estruturais presentes nos espaços de formação. Realizamos uma análise crítica das estruturas normativas que perpassam o ambiente escolar, identificando como ele regula os corpos dissidentes. A metodologia adotada permite assim, uma investigação sensível e engajada, voltada para a compreensão das implicações da escola na formação de subjetividades e no reconhecimento (ou não) das diferenças.

NARRATIVA DE LI

Thiago Li, pessoa negra, de origem afro-indígena, possui a pele parda e tem trinta e poucos anos de idade, que possui, nesse momento, uma identidade de gênero queer, sou uma pessoa que não enxerga minha natureza em locus dicotômicos ou essencialistas, minha identidade e consequentemente a orientação sexual ao qual eu concebo está ligada a ideia de corporeidade que se relaciona com a cultura, para ser mais objetivo, concebo a maneira de me relacionar no mundo em identidade, como destaca Louro (2000 apud HALL, 2000, p.104) onde diz que a identidade é um desses conceitos que a perspectiva desconstrutiva colocou "sob rasura"; isto é, conforme eles explicam, um conceito que talvez não seja mais 'bom para pensar' - em sua forma original, baseado biologicamente em teorias essencialistas, mas tomando como base uma identidade de caráter de multiplicidade, fluidez e instabilidade.

Penso que o corpo em si não é de todo modo fundamentalmente inato, as mudanças do corpo, sejam biológicas, pelo passar dos anos, quanto às transformações eletivas, as de escolhas próprias, também dão conta de dar legitimidade ao corpo em determinado momento, ou seja, a corpulência que se inscreve em um tempo estabelecido, requer uma identidade, uma característica própria de se manifestar inserido naquele contexto, mas ao passar dos anos, a identidade daquele corpo não é mais a mesma, modificações atravessam a narrativa daquele corpo, a sua fisiologia está em curso e se transforma, a postura não é a mais a mesma, a textura dos cabelos e da pele, a maneira de ler e se inserir no mundo não é mais a mesma, a maturidade traz novas decisões e consequentemente novas observações ou seja, para cada fase, um novo olhar, um novo corpo, diferenças surgem nesse corpo em constantes transformações

Percebendo, desenhando e legitimando um corpo que carrega transformações e discursos, naturalmente não tive uma boa experiência nas escolas onde estudei, quando era mais jovem não performava tanta dissidência como atualmente, afinal, eu era uma criança nos anos 90 e início dos anos 2000, pouco se falava sobre as desconstruções de gênero e sexualidade na escola.

Quando se falava a respeito de figuras que pudesse nos oferecer outras noções de uma performatividade que escapasse às percepções acerca de múltiplas formas de existir, para além da orientação de gênero cis-binária, os exemplos mais comuns de pessoas públicas que tinhamos, foram figuras que ao longo dos anos tiveram suas imagens bastante hiperssexualizadas, ridicularizadas e até animalizadas, a exemplo de

Jorge Lafond, Rogéria e Roberta Close, que foram artistas memoráveis, porém, não escaparam do olhar abjeto e estigmatizante da família brasileira em décadas passadas.

Sendo assim, numa realidade tacanha e ao mesmo tempo controversa dos anos 90, onde a sociedade que vulgarizava negativamente as expressões “gays” como diziam na época, era a mesma sociedade que consumia aos montes o desbunde da banheira do Gugu, um programa televisivo de canal aberto, carregado de tragédias, matérias sensacionalistas e a exibição de corpos seminus em situações grotescas em pleno domingo a tarde.

Diante deste contexto, não haveria como um menino, digo, uma criança, que carregava trejeitos afeminados ter uma boa experiência na escola, se deparando com um panorama tão violento para com suas naturezas, seu jeito de se manifestar no mundo, com a sua subjetividade. A violência na escola era algo cotidiano.

Hoje, enquanto sujeito adulto, passada essa trajetória de incertezas e adversidades, hoje, o menino que até há pouco tempo era comumente chamado de “banana” se tornou uma pessoa adulta, possui formação no Bacharelado em Artes e em Licenciatura em Teatro pela Ufba, tem pós graduação em Gestão Cultural Contemporânea: da ampliação do repertório poético à construção de equipes colaborativas pelo Instituto Singularidades-Itaú Cultural e está mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Uesb.

NARRATIVA DE LARISSE

Sou uma mulher negra, nordestina, baiana, jequieense, licenciada em Pedagogia, especialista em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade, mestranda na área de Relações Étnicas e Contemporaneidade. Buscarei aqui relatar um pouco como foi ser uma criança negra nascida entre os anos 90 e 2000, dando maior ênfase nas experiências do espaço escolar. Essa narrativa, apesar de contar situações de opressão ocorridas, ela não assume um lugar de vitimismo mas sim um lugar político de denúncia, pois hoje compreendo as situações e consigo pôr para fora aquilo que antes foi silenciado. Como bell hooks (2020) afirma, para combatermos o racismo, o machismo, a LGBT+fobia, é preciso, antes de tudo, conhecê-las.

Desde muito cedo, nós, corpos que fogem do molde dos padrões, somos colocados em conflito com a nossa imagem e com as nossas existências, bem como somos apresentados às diversas opressões em nossa volta (Silva, 2015). Apesar de muitas vivências positivas, a escola foi para mim também um lugar de enfrentamento,

de microviolências, de silenciamento e de invisibilização. Eu comecei a alisar o cabelo aos 7 anos, tendo como motivação a sensação de não-pertencimento que eu tinha na escola, sendo uma das únicas meninas negras da sala e vendo que a maioria das meninas tinham o cabelo liso ou ao menos encaracolado. De acordo com Gomes (2002), o cabelo é um grande marco identitário, principalmente quando referente à pessoas negras, as quais historicamente tiveram seus cabelos associados a estereótipos sociais negativos, impactando significativamente em sua autoestima.

Já cheguei a ouvir coisas como “Ah, mas você pode ser nossa amiga porque você nem é tão negra assim, você é morena, sua pele é só um pouco mais escura que a nossa”, “Nessa brincadeira você não pode brincar porque você não é da nossa cor”. Por questões como essas, ao longo da minha trajetória escolar, fui assumindo posturas para chamar menos atenção possível pela minha aparência e mais atenção para o meu intelecto, pois eu via que era uma das únicas oportunidades de me sobressair na escola. Eu era considerada uma das melhores alunas da sala, tirava boas notas e era conhecida por “não dar trabalho”.

Esse é um ponto crucial aqui. Sempre fui considerada uma criança tímida, porque eu não falava muito, não aprontava, mas, será que realmente era timidez ou eu fui silenciada pelas circunstâncias e não me sentia confortável para falar, para ser quem eu era em determinados lugares? Será que eu era o que consideravam comportada, ou apenas aprendi a me moldar a um padrão e a assumir uma performance que se enquadrasse ao que esparavam? Há uma diferença entre timidez e silenciamento. É muito comum ver pessoas negras dizendo que são tímidas, mas ao conhecer um pouco mais de suas histórias, é nítido a existência de um processo de silenciamento causado pelo racismo (Ribeiro, 2017).

Eu cresci achando que havia algo de errado comigo, com o meu cabelo, com a minha cor. O sentimento de não-pertencimento. Sentia que eu estava sempre no lugar de espectadora, figurante, nunca de protagonista, inclusive da minha própria vida. Não me sentia pertencente ao meu próprio corpo. A partir dos meus 16 anos comecei a ter acesso a espaços não formais como o teatro e os encontros de cacheadas/crespas, espaços nos quais eu chegava e me identificava com as pessoas que ali, me sentia acolhida e ouvida. Comecei a minha transição capilar, o que foi um grande fator no processo de me compreender enquanto uma mulher negra no mundo. Ao passo em que meu cabelo ia crescendo e, eu ia crescendo junto, me redescobrindo, me reencontrando,

fazendo as pazes com a minha ancestralidade, mulher negra, educadora, pesquisadora, carrego comigo o compromisso político de descolonizar narrativas, desafiar estruturas na luta por romper os silêncios historicamente impostos sobre nossos corpos e vozes.

NA ESCOLA, PODE UM CORPO FALAR?

A escola possui grande influência em nossa formação, tanto de forma positiva como de forma negativa. Louro (2000) apresenta a escola na perspectiva de produtora de identidades mediante as interações sociais nelas ocorridas, influenciando a formação identitária do indivíduo. Tal influência, contudo, pode ser problemática, pois, ao passo que a escola pode valorizar as identidades e a diversidade nelas compostas, também pode reforçar estereótipos sociais voltados para as questões como de gênero, raça/etnia, sexualidade e classe social, por meio do seu currículo, dos regulamentos estabelecidos, dos livros didáticos, pelas metodologias utilizadas nos processos de aprendizagem, bem como também a partir das interações realizadas no ambiente.

Nas narrativas de Larisse e Thiago Li é possível observar como o ambiente escolar, este em seu formato tradicional e heteronormativo, foi um espaço de desafios e, muitas vezes, de violência simbólica e exclusão. Ambos os autores apontam como a sociedade — seja pela escola, mídia ou religião — contribui para a marginalização de corpos e identidades que fogem desse padrão eurocêntrico e heteronormativo. Li menciona a dificuldade de existir como uma criança negra e afeminada entre os anos 90 e 2000, e de se relacionar com outras crianças. Larisse fala sobre o sentimento de deslocamento e das microagressões que sofreu enquanto uma menina negra, levando-a a moldar seu comportamento e assumir performances para ser aceita e sobreviver no espaço escolar.

Segundo Louro (2000), a escola tradicional tende a não valorizar o contexto do aluno, suas subjetividades, a bagagem que ele traz e acaba perpetuando a ideia de que o indivíduo, ao entrar no ambiente escolar é um corpo vazio, sem uma história, sem autonomia no pensar, no agir, no escolher. Contudo, o corpo é “narra as histórias e as experiências que o atravessa” (Miranda, 2020, p. 25), um corpo-território que onde vai carrega consigo tudo aquilo que o compõe, não de forma fragmentada, mas sim de forma interseccional. Assim, chega a ser violenta a tentativa de querer que esse corpo-território negue quem ele é e o que ele representa, para se enquadrar em determinado espaço, sendo assim domesticado.

Um corpo domesticado, sem autenticidade, sem autonomia, um corpo movido por disciplina, ordens e imposições, um corpo programado para atender ao sistema, um corpo servil ao mercado de trabalho. Essa domesticação se dá não apenas por meio das questões comportamentais do indivíduo, como também por meios estéticos. Quando não se permite ser domesticado, desobedece, ele é visto como um perigo, como uma ameaça, e com isso é submetido a castigos, a violências simbólicas e até mesmo ao isolamento, podendo ficar exposto e suscetível à depressão e à ansiedade.

Julgamos significativa a concepção de intervenções antirracistas, desde a formação mais genuína e introdutória de um indivíduo, seja em espaços informais ou educativos, sendo uma façanha extremamente pertinente, pois desde esse contato introdutório serão transmitidos saberes e práticas autênticas dessas pessoas, impactando profundamente a vida e a psique em questão, sem contar que faz total diferença na existência de alguém, saber quem são os sujeitos que pertencem ao seu mesmo ponto de partida, saber com evidências de onde se pertence e saber que essas narrativas são potentes e produzem saberes, e que os saberes de pessoas que se parecem com os alunos, produzem letramento e também podem ser práticas formativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a invisibilização de identidades dissidentes — especialmente negras, LGBTQIAPN+ e periféricas — no ambiente escolar, a partir das narrativas de Thiago Li e Larisse Araújo. As experiências relatadas revelam como a escola, ao reforçar normas de gênero, raça e sexualidade, atua como um espaço de silenciamento e exclusão de subjetividades que fogem do padrão hegemônico. Ao longo do texto, discutiu-se como essa marginalização compromete a autoestima e o sentimento de pertença dos sujeitos. Também foram destacadas estratégias de resistência, especialmente por meio da arte, da representatividade e da valorização das próprias vivências.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2020.

LOURO, G. L. **Corpo, escola e identidade.** Educação & Realidade, v.2, n.25, p. 59-76, jul/dez. 2000.

MIRANDA, Eduardo. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **"Precisamos romper com os silêncios."** TEDxSãoPaulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>. Acesso em: 6 mar. 2025.

SILVA, Petronilha B. G. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; GONÇALVES, Marlene (orgs.). **Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento.** Curitiba: Appris, 2017.